

Folha de S. Paulo

3/6/1984

Bóias-frias aguardam acordo em Catanduva

Ana Marcia Vainsencher

Em Catanduva, na região de São José do Rio Preto, a situação dos bóias-frias cortadores de cana das três usinas e dois engenhos existentes é um pouco pior que a dos trabalhadores de Guariba. Em Rio Preto, a cana é de pior qualidade, seu corte mais difícil, sua produtividade mais baixa. O custo que os cortadores reivindicam mais Cr\$ 42,00 pela tonelada da cana cortada. Adair Garcia Fernandes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Urupês, sub-região de Catanduva, diz que foram feitas dez propostas aos usineiros locais, a última das quais no valor de Cr\$ 2.478,00 (Cr\$ 1.700,00 pelo corte, o restante relativo aos direitos trabalhistas).

A contraproposta patronal, Cr\$ 2.250,00, foi considerada "uma brincadeira" pelo sindicato que, ainda assim, sugeriu que a diferença de Cr\$ 228,00 entre o pedido dos trabalhadores e a resposta dos patrões fosse "dividida" entre as partes. Os usineiros disseram não.

Este é o primeiro movimento dos trabalhadores rurais da região. São aproximadamente 20 mil bóias-frias cortadores de cana espalhados por Urupês, Irapuã, Sales, Novo Horizonte, Ibirá, Uchôa, Palmares, Santa Adélia, Catanduva, Catinguá, Paraíso e Pirangi. O primeiro pedido de mesa redonda foi feito em 11 de maio e só na semana passada os usineiros começaram a negociar. Hoje de manhã realizam-se assembléias para decidir sobre a proposta patronal. Por enquanto, está tudo calmo na região, até mesmo em Novo Horizonte, onde houve paralisação de dois dias (quarta e quinta-feira).

Fioravante Mazzo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Horizonte, considera a contraproposta patronal "um avanço" em relação ao acordo de Guariba. Assim mesmo, não sabe qual vai ser a reação dos trabalhadores do município: "A periferia do Novo Horizonte é muito pobre e a fome é uma coisa muito perigosa."

(Local — Página 8)